



*honrando
o masculino*

Uma aventura na busca pelo real
significado de ser homem

Marcos Wilmer

EDIÇÕES
MAHATMA 

O Tempo das Cinzas	43
Consciência e arrependimento.	46
Os três níveis de consciência: a simples, a complexa e a iluminada representados por Dom Quixote, Hamlet e Fausto . .	47
O Castelo do Graal perdido.	50
A união dos opostos	52
4. O Pai.	57
A história de João de Ferro	57
A substância paterna	57
Do pai ao paternalismo	59
Rei – o sentido do Real	62
Consciência de si.	65
Expansão da consciência: luz e sombra	66
Consciência além da individualidade.	69
5. O Jardim.	73
A história de João de Ferro	73
No jardim o homem encontra a riqueza da alma	74
Da lei às lendas	76
Da involução espiritual gradativa.	77
Os cinco graus do amor.	79
Honrando o jardim e o deserto	82
Muito além do jardim secreto	83
6. O Guerreiro	87
A história de João de Ferro	87
Para além do jardim, tornar-se guerreiro	88
O guerreiro preso na armadura	91
Agressividade.	95
Habilidade de resposta.	96
Capacidade de eleição	97

7. A Iniciação	99
A história de João de Ferro	99
A falta de iniciação	100
A força da masculinidade sã.	104
O espaço ritual	106
Do instinto à intuição	109
Ser é Ser Percebido	110
8. A Ferida	113
A história de João de Ferro	113
A marca do iniciado	114
Sem os deuses, o homem não é nada.	117
Emerge da profundidade o feminino	119
A ligação com o Homem Natural	120
Ativando um corpo emocional masculino	121
A rica complexidade de ser homem	122
Libertando a força aprisionada.	123
A jóia preciosa.	125
9. Conclusão	127
A história de João de Ferro	127
Com todos os tesouros às mãos	134
Uma sugestão	137



Dedicatória

*À memória que guardo do meu pai, Rodolpho Wilmer,
um homem que suportou estoicamente as dificuldades que a vida lhe apresen-
tou, fez tudo o que fez sem esperar retorno. E que, com tanta paciência,
me incutiu o apreço às letras.*



Introdução

Nos últimos anos, duas percepções me levaram a um longo processo de reflexão e despertaram sentimentos profundos. De um lado, fui ficando cada vez mais incomodado – na realidade, indignado – com o desmando, a corrupção generalizada, a insensatez que se vê em todos os níveis da nossa sociedade. De outro, não canso de me espantar com a imagem denegrada que, de maneira geral, se tem dos homens – especialmente os líderes – em nosso tempo, ainda que alguns não tenham se apercebido disso.

Enquanto isso, vejo homens de bem, apoiados em sua ética natural e seu sentido de honradez, lutando por preservar sua dignidade, enquanto incontáveis possibilidades imediatas os convidam a abandoná-la.

Da mesma forma como é da essência do feminino agregar, pela força de sua capacidade de tolerância, é da essência do masculino orientar, pela força de sua capacidade de se posicionar no mundo, de assumir responsabilidades e, portanto, liderar.

A sociedade que supostamente lideramos está eticamente enferma, não reconhece seus reais valores e vê seus líderes como corruptos. Vale tudo... E nossos jovens estão se matando. Consumimos de tudo, inclusive nossa própria força de trabalho, e nossos velhos são descartados como inúteis.

Provavelmente muitos homens já fizeram diversos cursos de liderança. Portanto sabem que líder é aquele que assume responsabilidades. Aqui a proposta é bastante mais audaciosa. Creio que já não nos basta liderança empresarial e ações sociais do tipo caritativas, ainda que sejam muito boas. É preciso que nossa liderança seja muito mais abarcante.

Ocorreu que, com o tempo, à medida que ia estudando e me aprofundando nos dois temas, as duas coisas foram se unindo; um quadro foi se tornando mais e mais claro. Fui percebendo que a necessidade externa, essencialmente de orientação, se encaixava perfeitamente com a necessidade interna do homem de restaurar sua honra, seu devido lugar na trama social, seu valor inalienável de orientador. E uma história caiu na minha mão...

Mais que uma história, ela tornou-se uma espécie de veio que me permitiu chegar a outras histórias, filmes, poemas e contos, que podem nos ajudar imensamente a compreender a situação que vivemos e suas possibilidades.

Mas, antes de tudo, recordo que um grande sábio, que tive a felicidade de conhecer, demonstrou que 'qualquer ação de natureza positiva começa com uma intenção clara'. Assim, vamos começar do começo.

Intenção

A um homem honrado custa muito, em frustração e desgosto calado, ter que conviver com o desmando e a esculhambação. Por muito tempo acreditou-se que as religiões sinalizariam com caminhos para assumirmos valores reais e desenvolvermos nosso pleno potencial, mas quase tudo se perdeu em meros moralismos duvidosos e jogos de poder. Depois disso, pensou-se que a ciência e o progresso material nos trariam conforto e segurança, mas na realidade o que temos é mais dor de cabeça e preocupações. E aumentou a desorientação geral. Estamos presos entre as mais reles, superficiais e ignorantes noções de certo e errado. Pouco a pouco fomos perdendo a noção do essencial.

Conta-se que Nasrudin, em certa época, trabalhava como barqueiro.

Um dia, ele foi contratado por um douto pedagogo para cruzar um rio muito largo.

Assim que se lançaram à água o professor fez uma pergunta a Nasrudin e este lhe respondeu com uma linguagem incorreta.

– Você nunca aprendeu gramática? – perguntou o professor.

– Não. – disse ele.

– Neste caso, metade de sua vida foi desperdiçada.

Nasrudin não disse nada.

Logo desabou uma terrível tempestade. O pequeno e desorientado barco começou a encher de água.

Nasrudin se inclinou para o companheiro:

– Alguma vez o senhor aprendeu a nadar?

– Não. – disse o pedante.

*– Neste caso, caro mestre, **toda** sua vida foi perdida, pois estamos afundando!*

Dizia um grande sábio persa que se, durante todo o dia, nos dedicamos a todo tipo de tarefas e obrigações, mas não dedicamos um minuto sequer ao contato com nossa essência, nós não fizemos nada.

Vivemos em uma época em que estamos tão ocupados, tão atarefados, que não nos sobra tempo para aquilo que é essencial para nós. Mas como já sabemos – a própria ciência demonstrou –, o tempo não é uma medida fixa, mas uma relação com a velocidade. É certo que a falta não é exatamente de tempo, mas de prioridade.

Sem perceber, fomos todos recrutados para essa revolução silenciosa, sem data e sem heróis – essa que só produz ídolos –, a chamada Revolução Industrial. Isso mais que nos dividiu externamente – em seitas, credos, clubes e classes – nos dividiu internamente, produzindo um choque de valores. Deixou uma grande parte em nós aprisionada, submissa a um Deus Máximo, aquele a quem nós devotamos nosso tempo e nossa atenção considerando como prioridade inquestionável: o Deus Dinheiro. Dele viramos escravos.

Pode-se dizer que este modelo masculino, tal como conhecemos hoje, começou a delinear-se a partir da Revolução Industrial, em meados do século XVIII. Representou, ao mesmo tempo, um passo evolutivo e um involutivo. Evolutivo na medida em que democratizou mais os bens de consumo e potencializou o progresso material. Involutivo porque consumiu e obscureceu o pai, seqüestrou-o do ambiente familiar e reduziu seus anseios ao nível econômico.

Logo se estendeu ao mundo ocidental um modelo de produção em série assentado na aparição da máquina a vapor. Até ali havia prevalecido o artesanato, a agricultura e, dentro desse esquema, a família como unidade produtiva em si: todos os seus membros colaboravam nos labores dos quais viviam, e isso lhes permitia compartilhar horas, tarefas, informação, dificuldades e sucessos.

A partir da erupção do maquinismo, se criaram as oficinas (precursoras das fábricas), que se instalavam fora das cidades e requeriam numerosa mão-de-o-

bra – essencialmente masculina. Os homens começaram a deixar seu lugar para ir trabalhar, onde passavam longas horas, às vezes dias, às vezes semanas, sem ver seus filhos e suas esposas, ausentes do acontecer familiar. O mundo externo se converteu, cada vez mais, em um mundo masculino. O interno, cada vez mais, se definiu como um espaço feminino. Os homens eram requeridos pelas fábricas da mesma forma como haviam sido requeridos pelos campos de batata. E além de dirigi-las, impulsionavam com sua carne, seu tempo, seu corpo e seu sangue a política e a economia.

O homem trabalha fora porque seu valor fundamental para a família é manter a ligação com o fora. O que não significa que quando esteja ali, em casa, fique de fora, se mantenha afastado, isolado. Sua verdadeira nobreza também se revela no contato estreito, na intimidade e na cumplicidade com seus filhos e sua mulher, assim como na amizade sincera e no companheirismo.

O pai ausente é um dos fantasmas da era da terapia – esse período de tratamento, recuperação e programas sociais que tentam consertar o que não entendemos no nível mais profundo. E, exatamente desse modo, isola o pai.

A ausência, a raiva e a paralisia no sofá (ou a agitação permanente) são sintomas da alma à procura de um chamado perdido para uma coisa distinta e além. As oscilações do pai entre a raiva e a apatia – quanto às doenças e distúrbios de comportamento de seus filhos, e as depressões e rancores de sua esposa – são parte de um padrão que todos os pais compartilham e que não é o sistema familiar, mas sim o sistema econômico que promove sua insensatez comunitária, substituindo ‘além’ por ‘mais’.

*Às vezes um homem levanta-se no meio do jantar
E sai de casa, e vai andando
Por causa de uma igreja que há lá no leste.
E seus filhos rezam por ele como se ele tivesse morrido.*

*E outro homem, que fica em sua própria casa,
Morre ali, dentro dos pratos e dos copos,
E seus filhos têm de se embrenhar no mundo,
A caminho daquela mesma igreja, que ele esqueceu.*

Rilke

Sem inspiração, o que resta é a ferocidade simples e sem objetivo. Quando o homem perde o acesso à totalidade dos aspectos da vida, fixando-se quase exclusivamente nos valores materiais e, então, trocando a **cooperação** pela **competitividade**, ele se infantiliza. Morre o herói, fica o prepotente. O guerreiro tornou-se escravo e não sabe. E, como não quer admitir, apenas rosna. Se admitisse, teria a chance de transformar, criar um mundo com a sua cara, um mundo que sentisse como seu. Usaria sua força para **criar**.

Aqui reside a audaciosa proposta: que façamos uma reflexão sobre o verdadeiro sentido de Felicidade. Que honremos nossa posição e comecemos a influenciar nosso meio – a partir de dentro, da visão dos nossos valores essenciais. Nisto os mitos e as histórias podem nos ajudar muito. Eles tratam, descrevem e sintetizam características de nossas personalidades e de nossas vidas, que podemos conhecer, integrar e harmonizar. Podemos dar atenção a todos os nossos aspectos, reconhecendo seus devidos lugares e momentos. Isto sim é economia de energia! Quanto menos divididos e conflituosos – quanto menor o atrito entre nossos valores e nossas ações –, de mais energia, força e integridade podemos dispor.

Podemos honrar, reconhecer e delimitar cada aspecto da Vontade – nos dois sentidos: a vontade que nos mobiliza interiormente e a Vontade da Vida para nós (ou por nós). Para este acordar, este despertar, podemos estimular nosso interesse através de uma visão crítica da História, dos mitos, contos e anedotas, filmes e papo, vendo a representação externa e a configuração interna – em nossos próprios e particulares enredos e mitologia. E dar atenção àquilo que vemos, buscando ler seus significados.

Por isso, a intenção deste trabalho é proporcionar aos homens a possibilidade de assumirem seu valor individual e sua função de orientadores dentro da família e da sociedade e, assim, terem acesso à verdadeira, profunda e duradoura felicidade que nos espera.

Vivendo em uma sociedade materialista e predadora, pode parecer que felicidade é fazer o que se quer, qualquer coisa que seja. A isso poderíamos chamar de alegria menor – aquela resultante de satisfazermos nossos apetites e fantasias. Enquanto o que proponho é a felicidade maior – aquela que é resultado de perceber-se valoroso, de estar em paz com a consciência, sabendo-se ter feito